

Ademar Bogo

CARTAS
CARTAS
de
LITERATURA

JANEIRO DE 2007.

SUMÁRIO

Ordem	Título	Pág.
1	Camundongos e Governantes	
2	Direita e Esquerda	
3	Minoria e Maioria	
4	A Lei e o Medo	
5	A Propriedade	
6	O cão sem pêlos	
7	Milagres e Mendigos	
8	Cobrobó	
9	Porcos e Políticos	
10	A quem tem dificuldade em escrever	
11	O direito de reagir	

CAMUNDONGOS E GOVERNANTES

Um camundongo, astuto, mas medroso, andava a procura de um remédio para curar seus medos. Olhava para todos os seres vivos e tentava imitá-los. Mas de nada adiantava, pois o medo, vinha da natureza que herdava.

Um dia, ao cair da tarde, ao passear pela penumbra da varanda, avistou um gato que dormia. Invejou tanta tranqüilidade. Então, em forma de louvor, fez um pedido ao criador:

- Senhor meu Deus, tenha piedade mim. Faça-me ser igual ao gato, tranqüilo e paciente que nada teme. E o Senhor atendeu-o prontamente.

Viu-se na pele de um gato enorme, de longos bigodes e pelos rajados. Lá foi deitar-se ao lado do amigo descuidado.

Não demorou, os latidos dos cães varanda adentro, puseram fim ao descanso dos amigos. O gato verdadeiro acostumado ao perigo correu e se esconde em seu abrigo. O camundongo transformado seguiu atrás todo assustado.

Logo ao chegar; prostrou-se novamente a rezar:

- Senhor faça-me ser como o cachorro que ataca o gato e o faz correr. Se me deres esta graça serei seu grande amigo e o ajudarei a cuidar-se dos perigos.

Novamente sentiu-se um belo cão amarelado. Cabeça grande e cauda aparada; pensou assim, já não temer nada.

Mas eis que no quintal da casa havia uma jaula com um velho leão. Este rugia sempre que via o cão. E ao bater com força na porta do abrigo, o camundongo, agora cão, sentiu-se em perigo. Acovardado correu e se escondeu.

O dono da casa, seguro de sua responsabilidade, ralhou com o leão fazendo-o voltar ao seu lugar; indo até lá, trancou-o sem demora. Os cães então, saíram para fora.

O camundongo transformado, insatisfeito foi fazer outra oração. Prostrado e obediente como um cão, fez sua súplica novamente ao criador:

- Dai-me senhor o direito de ser homem, pois como cão me sinto inferior; faça-me ser um guerreiro ou um caçador, que enfrenta todos os perigos; que não teme os maiores castigos; faça-me ser um governante amigo.

Então o senhor sem esperanças, disse-lhe com paciência e segurança:

- De nada vale transformá-lo em homem, honesto e coerente, pois, tornar-se-ia cada vez mais exigente, e um certo dia quereria o meu lugar. Toda origem de suas incertezas, está em vossa própria natureza.

O camundongo então desapontado, partiu pela penumbra da varanda, com o seu ego ainda mais ferido.

O homem que o leão tinha trancado, assistiu o belo cão ser transformado, em um asqueroso camundongo. Sentou-se à beira do alambrado, olhou ao alto e fez a sua súplica, também desapontado:

- Senhor, que governais a terra, torna-me bom e cada vez mais perfeito, sabes que ora sou perfeito, a autoridade maior desta cidade. Sou como vós, soberano na vontade; se me ajudares, nada irei temer. Conserve-me a vida e o poder, para reinar como vossa majestade!

E o Senhor, paciente novamente, disse tranqüilo para o governante:

- Se fosses um homem de verdade, não terias que gastar este final de tarde, para pedir estes favores. O que o torna um homem tão ingrato, é ter em si o caráter de um rato e, comportar-se como os roedores.

DIREITA E ESQUERDA

Dois trilhos de uma ferrovia
Sustentavam o mesmo peso dia após dia
De um velho trem de carga rangedor
E não se acostumavam com a dor
Dos dormentes abaixo recalçados.
Por serem astutos e conscientes
Assim, inesperadamente;
Em suas consciências foram interrogados:
-Indo para lá não há segredos –
(disse o primeiro sem agravar a perda)
Sou direita!
Mas retornado para cá me torno esquerda!

O trilho ao lado cabisbaixo refletia
E, igual ao outro com força resistia,
Como se nada mais na vida o importunasse.
Se, o ir e o vir não mudavam totalmente as suas qualidades,
A esquerda e a direita seriam na verdade
Uma ilusão na ida e outra quando retornasse.
Com um suspiro quase a rasgar o peito
Disse que eram válidos os tais conceitos
Se entre eles houvesse a luta de classes.

É verdade! – convenceu-se o primeiro injuriado -
Que diferença pode fazer o lado
Quando nada se pensa em alterar?
Se as idéias servem para levar
Esta máquina pesada e inconseqüente
Gemendo sobre nós e os dormentes
Um por um, cada vagão bem carregado?
E por mais que às vezes mudem o condutor
O que assusta e causa mais pavor
É que ninguém quer destruir o Estado.

Como disse o velho Carlito companheiro:
Que a esquerda é sempre esquerda, sem suspeitas,
Mas que começa a se tornar direita
No dia em que inicia, a contar dinheiro.

MAIORIA E MINORIA

Dois cães amarrados conversavam
Sobre o direito de ir e vir sagradamente
Pois havia tempo que ambos suportavam
O peso enfadonho das correntes.

Interrompidos por um fidalgo sem segredos
Chamando-os com o estalar dos dedos:
Aproximando-se eles, desatou-lhes as coleiras
Trocando-as por outras mais maneiras
E saíram a passear pelas ladeiras.

Puxando os dois o camarada
Não permitiu no poste uma parada.

Seguiram obedientes ao som de uma cantiga
Quando na esquina, uma rapariga;
Beijou o fidalgo demoradamente
Enquanto os cães esperavam impacientes.

Um deles reclamou desesperado:
Pela coleira foi repreendido e soqueado.
- O que tens que andas afobado? –
Perguntou o companheiro também acorrentado.
- Nada! Disse o cão – só estou apertado!

O outro então deu um latido de ironia
- Por certo agora sabes o que é a democracia
Vista pelos políticos da alta burguesia.
- Sei – disse o outro mantendo a valentia -
É quando na coleira a maioria
Não pode ameaçar o prazer da minoria.

A LEI E O MEDO

A lona da barraca perguntou ao policial:
- Não tens pena do povo sofredor
Que luta vertendo o seu suor
Achando em mim um pouco de sossego
Quando na cidade já não há mais nem emprego?

O policial desprendia-a das estacas
Cortando suas pontas com a faca.
A lona mansamente com dor no coração
Num triste embrulho foi se transformando
Calada a espera das ordens do comando
Guardava junto a si, outra questão.

Ao terminar o serviço o orgulhoso soldado
Olhou no pulso a hora, estava cedo.
Sentou-se sobre a lona com o fuzil ao lado
E para ela revelou o segredo.

- Sabes que a lei é para ser cumprida
Em qualquer circunstância nesta vida.
Ela é a justiça: não vê, é surda e muda
Mesmo que às vezes pareça até absurda.

Em seu agir, há um dos lados que não gosta
Mas sua tarefa é sempre dar respostas
Para que vença a justiça tarde ou cedo.
- É isso – disse a lona – que muito nos assusta;
Por que será que se a lei é assim tão justa
Para cumpri-la impõe-se tanto medo?

A PROPRIEDADE

O latifúndio disse à propriedade:

- Se mantiveres a autoridade

Juntos seguiremos!

Estava certo naquilo que dizia

Porque havia séculos que a terra estava ali parada

A propriedade a mantinha escravizada

E nada mesmo ali se produzia.

Como explicar tal cumplicidade:

Seria o latifúndio eterno e também a propriedade?

Quem teria mais poder nessa existência?

E, onde estaria a causa da violência?

Sem pressa, o passado recordaram:

Desde o dia em que as Capitâneas se fundiram.

Mais tarde quando a lei e a ordem se promiscuíram

E os violentos massacres provocaram.

A quem caberia num suposto julgamento

A culpa maior pela dor causada:

Se à lei, soberba, injusta e mascarada,

Ou, ao latifúndio atrasado e violento?

- Somos iguais culpados pela dor e a fome

(disse a propriedade, razão das grandes guerras);

A diferença é que você está na terra

E eu estou no coração de cada homem.

O CÃO SEM PÊLOS

Vagava o cão sem pêlos pela rua de terra, como se voltasse de uma guerra. A pele avermelhada era uma grande chaga; umedecida por uma clara água, que sem forças vertia. Vertia da dor que o cão sentia. Não uivava: gemia.

Vendo-o sem pêlos, os homens e as mulheres lhes davam atenção. Seguravam com dois dedos as narinas e reclamavam ao poder público uma solução.

O animal olhava, mas nada compreendia. Por que era que as pessoas salivavam e cuspiam se não queriam comê-lo?

Uma senhora parou e, com o dedo indicador todo enrugado, apontou para a cabeça do animal e disse:

- Vejam, tem os olhos azuis!

Como se fosse uma reunião, onde quem fala tem direito à atenção, voltaram os olhares para o mesmo lugar. O cão, como uma abóbora descascada, parecia não se importar com nada, apenas sentia as picadas das feridas, como se estivesse em uma briga de mordidas.

- Que pena que está sem pêlos, seria uma preciosidade! - exclamou a costureira que cozia roupas da moda, havia anos na cidade.

O prefeito chegou naquele instante, de gravata e paletó cor de ovo misturado com farinha de trigo e foi logo interrogado:

- Não há uma Secretaria na prefeitura que cuide destes bichos fedorentos? - exaltou-se o açougueiro, acostumado a cortar carne de dois pêlos, brandindo a faca a furar o vento.

- Claro que temos! - respondeu o prefeito prendendo as atenções. Segurando as narinas e cuspiendo ao mesmo tempo - Temos até um albergue para cães!

- É um cão raivoso! - disse com voz estrondosa o radialista da rota policial, acostumado a fazer reportagens todas as manhãs, na ladeira do eucalipto, onde desovam os corpos delinquentes caçados nas madrugadas.

- Um cão sem pêlos é um perigo, pode trazer doenças! - disse o taxista fumando um hollywood.

- Fosse lá em casa tinha lhe dado um tiro na cabeça! - replicou o fazendeiro do assento da Toyota, abarrotada de agrotóxicos e vermífugos para o gado.

O prefeito agarrado ao telefone celular, fazia gestos como quem dá ordens de comando, enquanto os curiosos iam se aproximando. Quando recebiam a informação, que a causa do tumulto era um cão sem pêlos, mesmo sem vê-lo, cuspiam também no chão.

Enfim, chegou a viatura da polícia e o cão foi preso, por ter perdido os pêlos.

No chão as cuspidas formavam uma pasta pegajosa como o barro, que se agarrava às solas dos sapatos caros, que eram espancadas contra o cascalho solto, antes de seus donos voltarem para os carros.

A sentença de morte assim foi dada, com novas cusparadas. E o cão sem pêlos sem saber de nada, morria com fome e dor.

Ninguém daquele meio buscava a causa ou respondia a questão: por que as feridas e as cuspidas, na mente humana, têm íntima relação?

E a sociedade segue em tom senil, como se fosse um grande canil, onde os sem pêlos se igualam aos sem nada. Nada acontece, se a dor das feridas, não provocar entranhas cuspidas; senha de morte das massas rejeitadas.

MILAGRES E MENDIGOS

Junto com um milagre econômico, sempre aparecem os pseudônimos: Bituca, Chupeta, Zé e Zé Valete. Também, Miúra, Flechinha, Ventilada, Benzedeira e tantos outros heróis anônimos.

Assim é. Toda potência tem um dia o início da sua decadência. Só que, esta aqui indicada, nunca quis ser nada, apenas um arremedo de falência.

- Mendigos!! – exclamou pela manhã o faxineiro do hotel do centro. Com o terno cinzento ajuntando os jornais amassados e torcidos.

- Mendigos!! – esbravejou a secretária que chegou com uma borboleta dourada na lapela. As pernas grossas e bem cuidadas brigavam com a saia três quartos, arredondada sem costura ao meio, se parecendo com a nuca de um pneu bem cheio.

- Mendigos!! – bradou o gerente que estacionou o carro diante da placa: “Proibido Estacionar”, quase em frente ao bar.

- Mendigos!! – cuspiu o turista arrastando a mala para perto de si.

- Mendigos !! – bradou o policial com a arma apontada para a frente.

- Malditos !! - esbravejou o mendigo querendo dormir, com um raio de sol batendo em sua costela desocupada.

- Mendigos!! - pirraçou a faxineira apontando para eles a água da mangueira da limpeza da calçada.

- Maldita!! – retrucou o mendigo levantando e dando nela uma dentada, desatando a correria.

Sirenes, gritos, tiros e muita confusão, para prender o mendigo da mordida. Em dois minutos a eficiência da polícia, bem armada, trouxe de volta o mendigo exposto: algemas, sangue escorrendo pelo rosto, que descia pela barba mal cuidada, escura, ruiva e amarelada.

Mendigos e cidadãos assistiam a prisão. Alguns sem entender, outros sem nada dizer, apenas balançavam a cabeça.

A faxineira, satisfeita aproveitava para fazer seu comercial, dizendo ser o mendigo um caipira, um animal, um desocupado, tarado, um bicho enraivecido. Mendigo que morde é mais do que um mendigo, quando está enfurecido. Assusta mais do que um mendigo morto; é uma ameaça a quem quer fazer negócios lucrativos.

Lá se foi a viatura com o incômodo dentro. Nos dias seguintes não haveria mordidas, somente feridas: nos pés, nas mãos, na alma e na vida...

‘Mendigo é só um mendigo morto ou quando pacientemente passa. Quando pára, deita e morde é uma ameaça’. Pensava a pobre vítima contornando a praça, expressando em voz baixa a sua desgraça:

Milagre brasileiro: para servir os interesses estrangeiros!

Mendigo brasileiro: farrapo do progresso financeiro!

Maldito brasileiro: que governa, favorecendo a dependência eterna!

A moça da mordida estaria agora bem mais protegida: contrataram para o hotel mais quatro seguranças. E o governo na Segunda-feira, aproveitou e divulgou os dados dos novos empregados com carteira. Milagre a brasileira.

CABROBÓ

Cabrobó significa: “Lugar de cabras pretas”. Era originariamente “Caproboi”, mas com o tempo, no falar, o “i” se foi, e a cabra trocou o “p” por “b”; ficou melhor de soletrar sem engasgar.

Este nome, embora decifrado, poderia ter se originado, das cabras ou de Pedro; pois não havia no passado um ditado, quando alguém se referia aos de antigamente, diziam: “No tempo de Pedro Bó”? E era uma resposta condizente!

Vai ver foi isso mesmo: D Pedro II, saiu tangendo as cabras, com as narinas em brasas. Foi quando deteve a atenção e, sua imaginação faceira, ganhou asas. Pensou ele: ‘ao invés de trazer as cabras todo dia, com um pouco de esforço e ousadia, eu levo o rio para passar em frente a minha casa!’

Veio a briga por independência. O rio e as cabras saíram das consciências e uma a uma cada geração, levava a água do rio de caminhão. Até que um dia novamente, Ignácio Bó, por ser da terra descendente, sem analisar o seu fracasso, decidiu, dar ao rio um novo braço.

Mas eis que teve reação. Bem ali no “lugar das cabras pretas”, os cabras reagiram ao ouvirem o toque das primeiras cornetas.

Os sertanejos da região de secas brabas, também são conhecidos como cabras. Deve ser pela intensa resistência, paciência e rebeldia. Ao saírem a pé em romaria, todos os dias, tangendo as cabras sob os raios reluzentes, pernas de bichos e de gente, se entrelaçam naqueles matagais. Nas terras do sertão, os bichos são, todos iguais.

Mas o Ignácio, muito bem relacionado com o agro-negócio, sentindo que os cabras reagiriam em defesa do rio, mandou o Exército, tanger as cabras e meter os picaretas. Picaretas, também no masculino, pois tinha uns trezentos, que, não eram meninos, mas moravam, do outro lado da praça, em frente a casa do tal desviado, e que seriam também beneficiados.

Picareta de cá, picareta de lá e as cabras, marcadas para fugir, e os cabras marcados para morrer de fome e asfixia, só porque Ignácio Bó decidiu que, tanger cabra não é economia e, destinou todas as terras do sertão, não para produzir o pão, mas energia.

E o Exército entrou fundo, cavando e tangendo. Tangendo e cavando. Ignácio Bó, sempre no comando da abertura do canal; apelou para a ordem judicial e, ao invés de contratar construtoras e seguranças, fez do Exército uma empresa de pujança.

Mas logo ali em Cabrobó? É, ali é que foi marcado o encontro dos cabras com as águas, onde o bebedor virou um lameiro. Cabras contra o Exército, do mesmo jeito como foi no tempo de Antônio Conselheiro. Do outro lado do rio, vejam só! Canudos, após a guerra, virou Cocorobó. Um açude colocado sobre os ataúdes.

Cabrobó! Cocorobó! É um projeto só. Águas contra os cabras. Moreira César era o comandante da terceira expedição e voltou para o Sul, tampado num caixão ou num envelope de madeira; a urna onde se colocam os corpos e as caveiras.

Em Cabrobó o Moreira é o Ignácio. Comanda com o apoio do agro-negócio. Está na segunda expedição; dizem que prepara igual Moreira, a terceira.

Mas, como as urnas já não são mais de madeira, não haverá formas de se transportar os corpos e as caveiras. Então, o “lugar das cabras pretas”, não será mais conhecido com o nome que Cabrobó herdou; mas o projeto onde Ignácio se enterrou.

PORCOS E POLÍTICOS

Na Roma antiga, os cidadãos não apreciavam os camponeses por achá-los rudes e grosseiros. Viviam em vilas, portanto eram vilões. Dignos de todas as ridicularizações.

O povo, conhecido como *vulgu*, depreciativamente era vulgar. Na Corte, entre os políticos se exercia a cortesia, as prostitutas eram as cortesãs. E, desta forma, naquele ambiente, as orgias, rompiam as noites e as manhãs.

E assim todas as épocas guardam as suas memórias; até os objetos possuem as suas histórias. Vejamos a origem da gravata: na França este adorno por lá é conhecido com o nome *Cravate*, por serem assim chamados os soldados Croatas, recrutados pela França em seus pérfidos planos, para o conflito, que ficou conhecido, na Europa, por “Guerra dos 30 anos”. Como os soldados usavam um pano em volta do pescoço, ao terminar a guerra, tornou-se uma moda que os políticos usam, mas ao povo incomoda. Há uma razão para se rejeitar, por ela ser de origem militar.

E as cortesãs, ainda no presente, entram na corte e saem livremente, sem se deixarem parecer vulgares. Isto porque já não são mais do meio popular. Os políticos nos momentos de trabalho ou de ócio, transam e fazem os seus negócios. Usam e se despem das gravatas, sem se importarem com a origem croata.

Conta uma lenda, que um político imitador, divertia seus pares com louvor, até que um dia, em uma sessão, ao imitar um porco, provocou dúvidas que exigiu comprovação.

Entre gritos de protestos, foram buscar um camponês, eleitor, simples e honesto. Apareceu com uma túnica alongada e, em meio a risos adentrou pela sessão inusitada. Mansamente e em tom cordial, queria salvar a honra do animal.

O presidente pediu silêncio, todos se calaram, e aguardaram o momento para gozar e fazer troça, e envergonhar aquele homem da roça.

Um... dois... e já! Foi o sinal. O camponês esperto, tal qual o homem da caverna, segurava um porco entre as duas pernas. Na hora exata, torceu-lhe uma orelha com vigor, fazendo o animal gritar de dor.

De imediato as vaias avolumadas, calaram o pobre camponês. Fizeram retornar mais uma vez, o primeiro imitador; e então deram a ele um prêmio de louvor. O camponês amedrontado, com o animal preso entre as canelas, temia que o atirassem fora pela janela.

Mas qual não foi a surpresa da parca multidão, quando da túnica toda destroçada, saiu correndo em disparada, um robusto leitão?

Os políticos todos indignados, por um instante calaram-se envergonhados, e o camponês então bradou de viva voz: “Este equívoco agora revelado, mostra o vosso poder tão desgastado e a porcaria de políticos que sois vós”.

E lá se foi o camponês para o seu mundo, xingado de vilão e vagabundo por ter trazido o porco verdadeiro. Temendo ver o Congresso confundido a um chiqueiro, pegaram o porco e o prenderam pelas patas, e nele colocaram uma gravata. No dia seguinte em uma solenidade, uma placa ilustrava os pés da majestade: Neste lugar, tudo se pode, e até falsificar mas, por ética, a imitação dos porcos, têm que ser de verdade!

A QUEM TEM DIFICULDADES EM ESCREVER

Escreva qualquer coisa, mas escreva. Mesmo sem vírgulas e acentos não tem problema, o que vale é o exercício. Assim se faz com a musculatura: os movimentos dispersos e desordenados são bons trabalhos a ser dados, aos órgãos desocupados.

Invente um tema, destes, tipo romance! Descreva coisas conhecidas. Crie personagens, faça-os falar, assim não te envergonharás das besteiras que porventura dizem.

Escreva sobre o pássaro. Coloque-o frente a frente com o caçador, como se fosse um duelo e, na hora precisa, o gatilho da arma preparado! O braço tenso! O olho esquerdo já fechado! E o pássaro desiste: vai embora. O homem recompõe os movimentos, sai de seu esconderijo a procura de outro inimigo. Mas não encontra ninguém. Então se desespera, porque sozinho pode ter duelo? O pássaro, sem lutar, venceu!

Escreva sobre os animais e sobre você mesmo. Diga o que sente! Não tenha medo, é apenas um exercício diferente! Pode até rasgar e queimar o papel depois de escrito! Escreva sobre as pessoas que não gosta e, na escrita, transforme-as! Você tem este poder. Na escrita você pode tudo.

A escrita só tem um problema: precisa de leitores. O primeiro é você mesmo; mas não basta! Escreva, leia e releia, deixe o texto dormir e leia de novo para acertar aquilo que não saiu bem. Depois de vestir o texto e vestir-se, prevenindo-se contra a nudez das frases, dê para alguém olhar e comentar.

Não teime contra as impressões! Para o leitor, são imprecisões que precisam ser sanadas. Lembre-se, que as palavras não são estacas que marcam uma propriedade. O texto continuará sendo seu, apenas, por outras visões, sofre algumas alterações! Não procure justificativas, certo ou errado, as letras dizem tudo.

Escreva sempre com uma “faca” ao lado. Para cortar no lugar que a cabeça deixou entortar os pensamentos. As linhas são retas, deveriam ser emendadas, mas, por economia, foram colocadas sobrepostas. Cortar dói, ninguém gosta! Mas evitar quando é preciso não faz bem. É como carregar um peso desnecessário. Escrever é inventar-se, é um inventário.

Imagine um jogador de futebol que é violentamente derrubado, fora da grande área. Levanta-se, com disposição de colocar a bola no ângulo esquerdo do gol. Enquanto o Time adversário organiza a barreira, ele ajeita a bola no lugar, dá dois passos para trás e espera. O goleiro, encurva o abdômen, como um animal encurralado, espera a pancada. Pernas preparadas, respiração presa, silêncio de funeral. O juiz apita, o cobrador dá um passo e, firma o pé esquerdo no chão. Num segundo, olha para o ângulo onde quer tanger a bola. Põe o pé direito em movimento e lá vai a bola. Até a barreira humana formada por dez atletas, vai bem. Passa por ela sem tocar em nada; mas começa a subir descontrolada. As respirações se soltam, o goleiro ergue o corpo e deixa cair os braços, o cobrador, antes da bola se afastar, vira de costas, esmurra o ar. Outra cobrança perdida.

A bola volta e o jeito é correr. Começar de novo, com maior convicção. Escrever é igual a chutar! A diferença é que, ou se faz com o pé ou com a mão. O ângulo da escrita é frase bem dita. O ângulo do gol, uns chamam de gaveta, onde se “guarda” a bola. O texto na gaveta é o ângulo que ainda não tem. Não é por nada que, para escrever ou chutar bem, os dois ofícios, aprende-se na vida e nas escolas.

Exercícios, leituras e leitores, formam bons escritores. No campo, ginga e carisma; no texto, carisma e cisma; cada qual com seus técnicos e professores.

DIREITO A REAGIR

Ademar Bogo/ Dez de 2007

Toda vez que um filho ver o seu pai morto
Abatido pelas balas do egoísmo
Maldito seja o imperialismo
E todos os seus colaboradores.
Tem direito este filho de juntar-se aos lutadores
E curar as feridas da memória
E organizados, escreverem a própria história
Nas terras dos exploradores.

Toda vez que um filho ver o seu pai morto
Envenenado ou emboscado por uma ação violenta
Malditas sejam: a Monsanto, a Cargyll e a Syngenta
E todas as suas experiências.
Que sua sorte seja a decadência
A falência, e que todas tenham o mesmo fim.
Que cada morte praticada seja o estopim
De reações, de lutas e resistências.

Toda vez que um filho ver o seu pai morto
Na terra, sem razão ou por qualquer ato polêmico
Malditos sejam os transgênicos
Que afetam a cultura das nações.
Tem direito este filho de entrar nas plantações
De toda e qualquer multinacional
Arrancar e queimar estas plantas do mal
E cultivar as suas próprias opções.

Toda vez que um filho ver o seu pai morto
E estiver em menor idade
Maldita seja a propriedade
Que impede a igualdade e o desenvolvimento.
Tem direito este filho de amenizar o sofrimento
Cobrando uma indenização
E empresa que matou e o Estado que deu a ela proteção:
Terão que efetuar o pagamento.

Toda vez que um filho ver o seu pai morto
E chorar junto a mãe pedindo ajuda
E esta com firmeza mesmo chorosa e muda
Perceber que amadureceu...
Toda vez que este filho acordar e ver a flor que já floresceu
Que os pássaros estão cuidando de suas cores,
As crianças indo a escola de mãos dadas com os professores;
Alegrem-se companheiros e companheiras: o Keno renasceu.